

FILOSOFIA E CINEMA

Sobre a necessidade de um ensino interdisciplinar

Ícaro San Carlo Maximo SAMPAIO; Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO
Universidade Federal de Goiás / Faculdade de Filosofia
icaroicaro@live.com.pt / carmelaf@terra.com.br

Palavras-chave: ensino de filosofia; cinema; metodologia; interdisciplinaridade.

Justificativa / Base Teórica

Em decorrência da obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no Ensino Médio, e tomando por base as Orientações Curriculares do Ministério da Educação para o seu ensino na educação básica, especialmente à recomendação de que sejam estabelecidos pontos de contato com outras disciplinas, seria pertinente examinar as condições de possibilidade de se efetivar na prática o que propõe o discurso oficial, a saber:

a filosofia não se insere tão somente na área de ciências humanas. A compreensão da filosofia como disciplina reforça sem paradoxo, sua vocação transdisciplinar, tendo contato natural com toda ciência que envolva descoberta ou exercite demonstrações, solicitando boa lógica ou reflexão epistemológica (Ministério da Educação, 2006, p. 18).

Assim, entre as várias expectativas que se tem com este projeto, pretende-se explorar as potencialidades da interdisciplinaridade. Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre a sua própria natureza. Tal reflexão é necessária para evitar que as experiências interdisciplinares se tornem engessadas e uma ideia vazia. Na definição proposta por Olga Pombo (2004, p. 5): “a interdisciplinaridade designaria o espaço *intemédio*, a posição *intercalar* [...] A minha proposta é, pois, tão simples como isto: partir da compreensão dos diferentes prefixos [*inter*, *multi*, *pluri*, *trans*] da palavra disciplinaridade, do que eles têm para nos ensinar, das indicações que transportam consigo, na sua etimologia”.

Antes de se falar em interdisciplinaridade, há alguma coisa que precisa ser apreendida. Trata-se da própria palavra que está na raiz da interdisciplinaridade, a saber, a disciplina. Falar de interdisciplinaridade pressupõe falar de “qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Disciplinas que se pretendem juntar: *multi*, *pluri*, a ideia é a mesma: juntar muitas, pô-las *ao lado* uma das outras. Ou então articular,

pô-las *inter*, em inter-relação, estabelecer entre elas uma *ação recíproca*” (Pombo, 2004, p. 4; os grifos são da autora).

Assim, na perspectiva de experimentar alternativas no campo da interdisciplinaridade, faz-se necessário pensá-la no âmbito da prática. É no terreno das práticas que importa saber de que modo os outros saberes podem se cruzar com a filosofia no espaço da sala de aula. Uma das potências da interdisciplinaridade é justamente não corroborar com a divisão que a ciência vem afirmando, em que a palavra de ordem é a especialização do conhecimento. Para Pombo (2006, p. 5-6), o fenômeno da especialização está ligado a “uma tendência moderna, exponencial a partir do século XIX [...] que se constituiu justamente no momento em que adotou uma metodologia que lhe permitia ‘esquartejar’ cada totalidade [...]. Ao dividir o todo nas suas partes constitutivas [...], a ciência parte do princípio de que, mais tarde, poderá recompor o todo, reconstituir a totalidade”.

Não pretendemos aqui propor a reconstrução da totalidade, ou a recuperação da unidade perdida dos saberes fragmentados, dispersos e compartimentalizados, mas enfrentar os prejuízos advindos da especialização do conhecimento. Nesse sentido, coloca-se a necessidade de propor formas de cruzamentos dos saberes dentro da sala de aula. Apostamos, então, na articulação, na experimentação de novas metodologias que se proponham a tal tarefa. Especificamente falando, nossa proposta é pensar a articulação entre cinema e ensino de filosofia, a partir de uma análise que possibilite avaliar os fatores que obstaculizam, mas também aqueles que possibilitam o diálogo entre esses dois saberes: a filosofia e o cinema.

Tal como pensamos, o cinema como um simples método/técnica de ensino não abre as fronteiras do ensino de filosofia, justamente por não conseguir apreender as especificidades de cada um. E se essa percepção não acontece, torna-se impossível interligá-los. Ou seja, cinema e ensino continuariam separados.

É importante desmistificar a tão decantada ideia de que os recursos imagéticos estão desligados dos conteúdos filosóficos e das questões a serem trabalhadas depois. Pretende-se, com esse procedimento, erroneamente, aproximar a filosofia da vida dos alunos. Ocorre que, se o cinema é apresentado aos alunos de forma separada das questões a serem trabalhadas, não se consegue fazer a aproximação entre a filosofia e a vida dos estudantes.

A hipótese que queremos defender pode, então, ser formulada nos seguintes termos: o modo de mobilizar o cinema para o ensino de filosofia, de forma

interdisciplinar, deveria, sempre que possível, levar em conta as várias características/potencialidades do cinema. Ou seja, quanto mais elementos puderem ser mobilizados nesta relação, mais rico e mais interdisciplinar seria este modo de ensino-aprendizagem.

Desde a gênese do cinema, percebemos que ele tem múltiplas características. Como se sabe, ele é uma indústria, uma técnica, um instrumento “moralizador”, uma arte que abrange outras artes tais como as artes plásticas, sonoras e figurativas. No livro *Cinema e educação*, Sá (1967, p. 13) afirma: “o cinema é uma arte, uma grande arte. É também uma indústria (...). Além disso, é uma escola de costumes, um instrumento de educação, uma nova técnica a serviço da informação, da ciência e até mesmo da política”. Acrescentemos que, o cinema é um saber que, em si mesmo, é composto de várias partes. Perceber quais são as partes que o compõem é um fator necessário para pensá-lo como uma metodologia interdisciplinar.

Entendendo que o cinema é um rico instrumento metodológico, torna-se necessário pensar as mediações interdisciplinares que podem ser feitas nas aulas de filosofia. É nessa direção que, em nossa pesquisa, pretendemos explorar as possibilidades de interação entre o cinema, a filosofia e o seu ensino. Para tanto, não deveríamos engessar essa relação, mas sim pensá-la e repensá-la sempre que possível, seja por meio da análise do cinema em sua estrutura, seja como uma escola de costumes ou como uma ilustração, bem como uma forma de sensibilização e outras diversas formas possíveis de sua “aplicação”. Qual seria, então, o melhor espaço para tal exercício senão a sala de aula?

Objetivos

Com este trabalho pretende-se investigar as condições de possibilidade de criação de uma didática filosófica por meio da exploração das potencialidades da interdisciplinaridade. Percebendo a complexidade de uma sociedade cada vez mais imagética, o objetivo central do nosso trabalho é identificar o significado (conceito) e a contribuição que o cinema – como meio didático interdisciplinar – pode oferecer ao ensino de filosofia, levando em conta as especificidades da disciplina.

Metodologia

O presente trabalho vem se realizando a partir do cruzamento de dois planos: o teórico e o prático. O primeiro plano vem sendo traçado à luz da base teórica acima exposta. Quanto às atividades práticas, estas vêm sendo desenvolvidas no Colégio Estadual Pré-Universitário, campo de atuação dos bolsistas do subprojeto de filosofia que integra o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. O trabalho vem sendo realizado por meio de exibições e discussões de filmes em sala de aula e do compartilhamento dessa experiência com alunos, professores e bolsistas do PIBID.

Resultados / discussão

Duas experiências foram realizadas no Colégio Estadual Pré-Universitário, ao longo do 1º semestre de 2011. Passamos a relatar uma delas, para mostrar de que modo estamos recorrendo à interdisciplinaridade para estabelecer a relação entre ensino de filosofia e cinema. A experiência se deu a partir do diálogo entre um excerto do texto *Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento (Aufklärung)?* de Kant e o filme *Tropa de Elite*. As duas referências serviram para tratar do problema da violência, a partir da relação entre os conceitos tratados por Kant no referido texto - autonomia, menoridade, maioridade e liberdade – e recortes do filme dirigido por José Padilha.

O diálogo entre o texto e o filme se deu de formas variadas. Em primeiro lugar, foi feito um breve retorno à história do cinema. Logo após, um breve esclarecimento do modo como a estrutura clássica se consolidou. Este primeiro momento foi importante para “conversar” e aproximar os alunos dos conceitos kantianos, uma vez que a característica industrial e estrutural do filme (estrutura clássica) poderia ser contraposta aos conceitos como menoridade e maioridade.

Uma vez que a filosofia é uma atividade que, fundamentalmente, se ocupa de problemas, foi elaborada a pergunta: o capitão Nascimento é um herói ou um vilão? O que é digno de nota é que, a primeira reação da grande maioria dos alunos, foi responder que o capitão Nascimento é um herói. Todavia, algum tempo depois, no momento em que foi proposta uma avaliação, a grande maioria respondeu que o capitão Nascimento é um vilão. Tal experiência demonstra que, se o nosso propósito é investigar formas de atuação do professor de filosofia em sala de aula que envolva ao mesmo tempo a atividade filosófica e a busca do alargamento da percepção

crítica do cinema, pode-se afirmar que, à luz dessa primeira experiência, foi possível mobilizar os alunos para que eles pudessem pensar de forma mais crítica o que, em princípio, eles apresentavam como uma verdade.

Conclusões

O filme é um entretenimento, mas é também um meio de expressão. É isso que os alunos do Colégio Estadual Pré-Universitário vêm revelando: uma capacidade de expressão que, motivada pela experiência do diálogo da filosofia com o cinema, tem proporcionado aos alunos uma compreensão mais crítica da realidade que nos cerca e, sobretudo, outra visão de um filme tão polêmico como o *Tropa de elite*. Para além disso, porém, a experiência nos revelou que, quando se oferece aos estudantes a oportunidade de confrontar argumentos filosóficos com a linguagem do cinema, a aprendizagem da filosofia se torna muito mais significativa.

Referências

CABRERA, J. *O cinema pensa uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / Secretaria de Educação Básica. *Ciências humanas e suas tecnologias / Orientações curriculares para o ensino médio*. Volume 3. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/forumlic/Legislacao/PCN-EM/PCN03.pdf> Acesso em 12, dezembro, 2008.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade e integração dos saberes*. Conferência apresentada no Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-Graduação da PUC-RS em junho de 2004. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/porto%20alegre.pdf>.

Acesso em 13, novembro, 2010.

PRADO, Marcos; PADILHA, José; *Tropa de elite*. [Filme-vídeo]. Produção de Marcos Prado e José Padilha, direção de José Padilha. Rio de Janeiro, Universal Pictures do Brasil, 2007. DVD/ 118 min. Color. Son.

Fonte de financiamento

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID